

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
FACULDADE DE MEDICINA
CURSO DE NUTRIÇÃO

ALINE CONCEIÇÃO JERONIMO

**O ENSINO DA SUSTENTABILIDADE NA FORMAÇÃO DO
NUTRICIONISTA**

Porto Alegre, 2015.

ALINE CONCEIÇÃO JERONIMO

O Ensino da Sustentabilidade na Formação do Nutricionista

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Nutrição, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Nutr. Luciana Dias de Oliveira

Porto Alegre, Maio de 2015.

CIP - Catalogação na Publicação

CONCEIÇÃO JERONIMO, ALINE
O ENSINO DA SUSTENTABILIDADE NA FORMAÇÃO DO
NUTRICIONISTA / ALINE CONCEIÇÃO JERONIMO. -- 2015.
34 f.

Orientadora: Luciana Dias de Oliveira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Medicina, Curso de Nutrição, Porto Alegre, BR-RS,
2015.

1. SUSTENTABILIDADE. 2. NUTRIÇÃO. 3. ENSINO. 4.
DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS. I. Dias de
Oliveira, Luciana , orient. II. Título.

ALINE CONCEIÇÃO JERONIMO**O Ensino da Sustentabilidade na Formação do Nutricionista**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Nutrição, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Curso de Nutrição.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2015.

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso “**O Ensino da Sustentabilidade na Formação do Nutricionista**” elaborado por Aline Conceição Jeronimo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Nutrição.

Comissão examinadora:

Prof.^a Dr.^a Janaína Guimarães Venzke

...

Prof. Ms Virgílio José Strasburg

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sempre se fazer presente na minha vida me dando força, me guiando, me amparando e colocando pessoas especiais no meu caminho.

Aos meus avós João Batista e Antonieta (in memoriam) que ajudaram a me educar e me incentivaram a estudar.

Ao meu pai João Artur (in memoriam) meu grande exemplo que cultivou em mim o gosto pela leitura e pelo universo dos livros, em quem eu sempre busquei inspiração.

A minha mãe Claudia, que faltam palavras para mensurar a minha gratidão por sempre estar ao meu lado e lutar comigo para que eu pudesse realizar cada um dos meus sonhos.

Aos meus compadres, amigos e irmãos do coração Cristiano e Paula que foram nesta jornada fundamentais me apoiando, me ouvindo, me incentivando e torcendo por mim.

A minha orientadora professora Luciana, que através de sua visão sobre sustentabilidade me inspirou e aceitou de coração me orientar neste projeto.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul que mudou minha história, meu futuro, minha vida e ampliou minha percepção do mundo me fazendo querer ser um profissional cada vez melhor.

RESUMO

Introdução: Sustentabilidade é a palavra do momento, se ouve e se lê esse termo constantemente nas mídias, nas organizações, nos produtos da vida cotidiana. Sobre a óptica da nutrição, o desenvolvimento sustentável parece ou deveria parecer algo íntimo do profissional nutricionista afinal, quem trabalha com alimentos deveria ter a consciência de preservar o ambiente aonde os alimentos são cultivados. **Objetivo:** Investigar a abordagem do tema sustentabilidade nos currículos dos cursos de Nutrição no Brasil. **Metodologia:** Estudo descritivo com análise dos currículos dos cursos de nutrição de Instituições de Ensino Superior (IES) participantes do Exame Nacional de Desempenho do Estudante (ENADE) no ano de 2010, que obtiveram conceitos 4 e 5. Um questionário *online* foi encaminhado para as coordenações dos cursos de Nutrição destas IES selecionadas. **Resultados e discussão:** Entre as 42 matrizes curriculares analisadas, apenas 32, 5% constavam temas relacionados à sustentabilidade, ecologia, ambiente ou ecossistema. Das 8 IES que responderam o questionário 87,5% possuem o tema sustentabilidade no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), mesmo percentual de instituições que se preocupam em abordar o tema durante a graduação. Todas as IES consideram a sustentabilidade como um assunto que tenha relação com a nutrição e ser um tema importante para a formação do nutricionista. 75% concordam com a inclusão do conteúdo como essencial nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), mesmo índice de instituições em que há procura dos alunos por disciplinas com esse conteúdo. Em 62,5% das instituições há promoção de ações sustentáveis para os alunos e todas consideram que seus egressos estão aptos a lidar com questões referentes à sustentabilidade. Embora o assunto sustentabilidade não faça parte dos conteúdos essenciais das DCN dos cursos de Nutrição, percebe-se um esforço por parte das IES em incluir o tema em seus projetos pedagógicos e aborda-lo direta ou indiretamente durante a graduação. **Conclusão:** Poucos foram os cursos de nutrição que contemplam em suas matrizes curriculares disciplinas voltadas às questões ambientais, porém percebe-se um esforço das instituições em abordar o tema durante a graduação.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Nutricionista. Nutrição. Ensino.

LISTA DE ABREVIATURAS

CES- Câmara de Educação Superior

CFN- Conselho Federal de Nutrição

CMDS- *Cumbre Mundial sobre Desarrollo Sostenible*

CMMAD- Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento

CNE- Conselho Nacional de Educação

DCN- Diretrizes Curriculares Nacionais

EDS- Educação para o Desenvolvimento Sustentável

ENADE- Exame Nacional de Desempenho de Estudantes

FAO- *Food and Agriculture Organization*

IES- Instituição de Ensino Superior

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

ONU- Organização das Nações Unidas

SAN- Segurança Alimentar e Nutricional

SINDAG- Sindicato Nacional Das Empresas De Aviação Agrícola

SUS- Sistema Único de Saúde

UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNCHE- *United Nations Conference on the Human Environment*

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a educação, à ciência e a cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. JUSTIFICATIVA	10
3. REVISÃO DE LITERATURA	11
3.1. O ADVENTO DA SUSTENTABILIDADE	11
3.2. POR QUE FALAR DE SUSTENTABILIDADE NA NUTRIÇÃO?	12
3.3. A EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE.	15
3.4. A FORMAÇÃO DO NUTRICIONISTA	17
4. OBJETIVOS	20
4.1. OBJETIVO GERAL	20
4.1.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	21
5. MATERIAL E MÉTODOS	21
5.1. LOCAL DE PESQUISA	21
5.2. DELINEAMENTO	21
5.3. EQUIPE DE TRABALHO	21
5.4. DETALHAMENTO DO PROCESSO DE PESQUISA.	21
5.5. LOGÍSTICA DA COLETA DE DADOS	22
5.6. PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	22
6. ASPECTOS ÉTICOS	22
7. RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
8. CONCLUSÃO	29
9. REFERÊNCIAS	30
10. APÊNDICE	34

1. INTRODUÇÃO

Sustentabilidade é a palavra do momento, se ouve e se lê esse termo constantemente nas mídias, nas organizações e nos produtos da vida cotidiana. Traçando uma linha do tempo, a mobilização para cuidados com o ambiente e ações sustentáveis é, de certa forma recente. Em 1972 em Estocolmo, a *Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano* foi uma das pioneiras em apelar tanto aos governantes quanto a população sobre a preservação e melhoria do ambiente, em benefício de todas as pessoas e para sua continuidade. Porém, foi em 1987 com o relatório *Nosso futuro Comum* da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) que tornou conhecida a palavra sustentabilidade e trazendo a preocupação com o futuro ambiental das próximas gerações. No relatório conhecido como *Brundtland* surgiu o conceito de desenvolvimento sustentável como um desenvolvimento que “procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas necessidades” (CCMDA,1991, p. 46).

No Brasil em 1992 ocorreu a conferência Eco 92 com o eixo Desenvolvimento Sustentável como forma de se atingir um equilíbrio ecológico. A presença de chefe de estados foi representativa e a elaboração da *Agenda 21*, com objetivo de agregar ações de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica (BRASIL, 1994).

O capítulo 36 da Agenda 21 faz algumas orientações quanto ao ensino no sentido do desenvolvimento sustentável, reiterada uma década depois quando em 2002 a UNESCO declarou a década de 2005-2014 como a Década Internacional da Educação para o Desenvolvimento Sustentável. Segundo a declaração da assembleia “*a educação para o desenvolvimento sustentável permite a todo ser humano adquirir conhecimento, habilidades, atitudes e valores necessários para formar um futuro sustentável*” (UNESCO, 2005).

Observou-se a necessidade do ensino para ações sustentáveis já que educar é uma ferramenta fundamental quando se almeja grandes mudanças sociais.

Sobre a óptica da nutrição o desenvolvimento sustentável deveria estar melhor inserido no cotidiano do profissional nutricionista, pois é o meio ambiente quem provém a principal ferramenta de trabalho deste profissional: os alimentos. É necessário conhecimento de como são cultivados para que se possa trabalhar com a minimização dos

danos ao ambiente. O alimento passa por um longo processo até chegar ao produto elaborado final utilizando recursos como água, eletricidade, combustível para que ele possa ser plantado, colhido, transportado e finalmente utilizado. O nutricionista tem um papel essencial para orientar o uso consciente destes recursos, da técnica apropriada de manipulação e dietética para que após todo esse processo não haja o desperdício do alimento ou refeição produzida.

O profissional nutricionista precisa estar atento às demandas ambientais que causam impactos na saúde do seu comensal ou seu paciente, orientando estas populações. Wilkins (2009) propõe que a prática nutricional deve promover um novo sistema alimentar; sustentável, justo, economicamente viável e baseado na comunidade.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do curso de graduação em nutrição no Brasil, sustentabilidade não consta como um dos conteúdos essenciais que a graduação deva contemplar, porém são essas mesmas diretrizes que apontam o “nutricionista com formação generalista, humanista e crítica...” assim como diz que a “formação do nutricionista deve contemplar as necessidades sociais da saúde...” (CNE/CES Nº 5, 2001). A formação do nutricionista deve incluir os processos de promoção, manutenção, recuperação e prevenção da saúde por meio da alimentação. Neste contexto, a segurança alimentar se faz fundamental como meio de assegurar a eficiência e eficácia destes processos. Neste contexto, esse trabalho tem como problemáticas:

a) Seria a sustentabilidade uma ferramenta fundamental para que todos os processos descritos anteriormente ocorram plenamente?

b) Como todas essas questões vão ao encontro com as práticas atuais dos nutricionistas e da abordagem que os cursos de nutrição oferecem aos alunos durante a graduação?

2. JUSTIFICATIVA

A realização do presente trabalho se justifica com base na preocupação com o meio ambiente como uma realidade que deve estar inserida na atuação do profissional nutricionista; na legislação brasileira que baliza a conduta de produção de bens e serviços

com vistas ao desenvolvimento sustentável; e, finalmente na escassez de trabalhos sobre a atuação do nutricionista no contexto da sustentabilidade.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. O ADVENTO DA SUSTENTABILIDADE

O termo "sustentável" derivado do latim *sustentare* (sustentar; defender; favorecer, apoiar; conservar, cuidar) ficou conhecido através da ex-primeira ministra norueguesa Gro Harlem Brundtland, então presidente da comissão da Organização das Nações Unidas, mencionou no Relatório Nosso Futuro Comum. O relatório falava sobre problemas ambientais como o aquecimento global e a destruição da camada de ozônio, conceitos até então desconhecidos (BRUNDTLAND, 1987).

Porém, a ideia começou a ser concebida em Estocolmo em 1972, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (*United Nations Conference on the Human Environment – UNCHE*). A conferência de Estocolmo foi pioneira das Nações Unidas ao tratar do tema meio ambiente em nível internacional, voltando sua atenção especialmente para questões relacionadas com a deterioração ambiental e a poluição. Vinte anos depois, em 1992 a Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento - ECO 92 realizada no Rio de Janeiro, fortaleceu a ideia de desenvolvimento sustentável debatidas na Conferência de Estocolmo em 1972 e em 1991 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Assim, surgiu o conceito de desenvolvimento sustentável - atender às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das futuras gerações de atenderem às suas próprias necessidades – concebido de modo a acolher as demandas do desenvolvimento econômico e da conservação dos ecossistemas e da biodiversidade (UNCED, 1992). A preocupação sobre como preservar o ambiente para as próximas gerações aparece como um dos principais argumentos da sustentabilidade, sendo um dos conceitos mais empregados atualmente de ser uma característica ou condição de um

processo ou de um sistema que permite a sua permanência, em certo nível, por um determinado prazo (SUSTENTABILIDADE, 2011).

Suas problemáticas ganharam mais destaque nas duas últimas décadas e assumiram um papel fundamental na reflexão em torno das alternativas de desenvolvimento. Para Jacobi (2003, p.194-195) “o desenvolvimento sustentável não se refere especificamente a um problema limitado de adequações ecológicas de um processo social, mas a uma estratégia ou modelo múltiplo para a sociedade, que deve levar em conta tanto a viabilidade econômica como ecológica”.

A percepção de sustentabilidade envolve, uma inter-relação necessária de justiça social, qualidade de vida, equilíbrio ambiental e a ruptura com o atual padrão de desenvolvimento (JACOBI, 1998).

3.2. POR QUE FALAR DE SUSTENTABILIDADE NA NUTRIÇÃO?

A alimentação mais que um ato básico é um direito de todo ser humano, porém metade da população mundial o faz precariamente devido a alguma carência: nutricional por má qualidade dos alimentos; informacional por falta de acesso a informação nutricional idônea ou material por falta de acesso aos alimentos (FAO, 2008).

Sabe-se que estas carências não são devido a falta de disponibilidade dos alimentos, pois demonstra-se que atualmente a produção mundial de alimentos é superior à capacidade de consumo dos seres humanos. Mesmo assim temos 842 milhões de seres humanos passando fome (FAO, 2013) por falta de acesso aos alimentos, isso se dá graças à agricultura contemporânea que utiliza de técnicas modernas e mecânicas, pouca mão-de-obra embora qualificada e faz uso de sementes selecionadas.

Não pode se falar de alimentação e nutrição sem relacionar aos milhões de seres humanos que não conseguem fazê-los. Segundo este mesmo relatório da FAO (2013), o Brasil, por exemplo, já atingiu as Metas do Milênio para o combate à fome. Em 20 anos o número de brasileiros que passam fome caiu de 22,8 milhões para 13,6 milhões, uma redução de 40%. Além disso, houve uma redução de 54,3% no número de brasileiros subnutridos nos últimos 20 anos, de 15% para 6,9% da população. Por enquanto,

atingiram a meta o Brasil e mais 37 países, entre eles Cuba, Venezuela, Chile, Angola e Uruguai.

Não basta apenas a promoção da alimentação, tem que promover uma alimentação sustentável que reduza a utilização de produtos industrializados e valorize os produtos regionais assim como a culinária tradicional e caseira. E não menos importante, que promova a consciência sobre o uso de água, sobre os resíduos produzidos e o uso de agrotóxicos, entre outros.

Sustentabilidade se relaciona diretamente com o conceito da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), sobre a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que seja ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis (SISAN, 2006).

Maluf (2000), afirma ser a SAN não apenas dependente de um sistema alimentar que garanta produção, distribuição e consumo de alimentos em quantidade e qualidade adequadas, mas que preserve a capacidade futura de produção, distribuição, consumo e condições ambientais favoráveis à vida.

Segundo Pessini (2012), tudo que faz bem à Saúde faz bem ao Meio Ambiente e tudo que faz bem ao Meio Ambiente faz bem à Saúde. A promoção da saúde e o desenvolvimento sustentável com justiça social são as bases do único futuro possível para o planeta e seus habitantes. Diante deste modelo atual de produção agrícola baseado na exploração exagerada de recursos naturais, que se utiliza de sementes selecionadas (soja, milho), pouca mão-de-obra, técnicas modernas e caráter empresarial, os danos a natureza em longo prazo foram grandiosos e alguns irreversíveis. A pressão que a agricultura tem sobre o meio ambiente indica a necessidade de se buscar um novo patamar de conhecimento onde o sistema produtivo utilize a agricultura como produtora de alimentos e matérias primas essenciais e observe o progresso em outras dimensões e valores (LOPES; NASS; MELO, 2005).

A FAO (2014) aponta que mundialmente entre um quarto e um terço dos alimentos produzidos anualmente para o consumo humano se perde ou é desperdiçado. Isso equivale a cerca de 1,300 bilhões toneladas de alimentos, enquanto 870 milhões de pessoas em todo o mundo sofrem de desnutrição crônica. Do que vai para o lixo 30% são

cereais, entre 40 e 50% raízes, frutas, hortaliças e sementes oleaginosas, 20% da carne e produtos lácteos e 35% dos peixes. Segundo a FAO esses alimentos seriam suficientes para alimentar dois milhões de pessoas.

O Brasil é o quarto produtor mundial de alimentos (INSTITUTO AKATU, 2003) e anualmente 26,3 milhões de toneladas de alimentos vão para o lixo. Um desperdício que poderia alimentar 19 milhões de brasileiros com as três refeições básicas diárias no mesmo período (VELOSO, 2002).

Este desperdício ocorre ao longo da cadeia produtiva, de acordo com o caderno temático “A nutrição e o consumo consciente” do Instituto Akatu (2003) 64% do que se planta é perdido ao longo desta cadeia, sendo:

- 20% na colheita;
- 8% no transporte e armazenamento;
- 15% na indústria de processamento;
- 1% no varejo;
- 20% no processo culinário e hábitos alimentares.

As perdas continuam na produção de refeições aonde se somam fatores como o uso de insustentável de água, de energia elétrica, produtos químicos, descarte inadequado de produtos e embalagens e geração de resíduos.

A educação é uma das principais articulações da SAN como integradora da educação para gestão ambiental com a educação alimentar e nutricional, abordando temas como saúde e ambiente, formando cidadãos críticos nestes aspectos. A falta de consciência ambiental faz com que a cada ano nosso ecossistema seja mais degradado, fique mais fragilizado e menos produtivo. O desmatamento, a poluição dos recursos naturais como água e solo interferem diretamente no equilíbrio do ambiente. Como consequência tem-se cada vez mais desastres naturais como enchentes ou secas que afetam na produção e distribuição de alimentos. A produção de alimentos prejudicada faz com que o preço deles aumente e assim muitas pessoas não terão acesso a uma alimentação adequada. Isso também faz com que muitos produtores (para evitar mais prejuízos) exagerem na quantidade de agrotóxicos de suas plantações e assim muitas pessoas não terão acesso a uma alimentação de qualidade.

Mas não é somente estes fatores que fazem com que os alimentos não cheguem em quantidade ou qualidade adequada para todos. No Brasil, boa parte da vasta produção

da soja é destinada à alimentação de bovinos, suínos e aves dos europeus, estadunidenses e chineses. Além da utilização de grãos para a produção de biodiesel para abastecer veículos na forma de biodiesel. A monocultura da soja destrói o meio ambiente, pois a soja é a que mais utiliza agrotóxicos, segundo SINDAG (2009, 2011).

Além da soja, o Brasil tem larga escala de produção de café, algodão, cacau, laranja, enfim, as monoculturas destinadas à exportação, que em sua maioria não são consumidos pelos brasileiros. Por outro lado, o país produz pouco arroz, feijão e mandioca, produtos que constituem a base alimentar dos brasileiros sendo, portanto estes alimentos importados. Isso fortalece a desigualdade que contribui para o aumento da fome (ANDRIOLLI, 2009).

Os modelos de produção atual visam maximizar os lucros cada vez mais, independentemente das consequências social e ambiental. E assim instala-se a insegurança alimentar por falta de acesso a alimentos de qualidade e por falta do uso sustentável dos recursos. É um ciclo que necessita ser interrompido, precisamos cuidar da saúde do planeta e dos seus habitantes.

3.3. A EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE.

Para que um desenvolvimento sustentável ocorra é necessário que haja os esforços de toda a sociedade, em todos os níveis sociais, culturais e políticos. O domínio social é preciso para que as transformações aconteçam, para que cada civil se aproprie da sua responsabilidade como cidadão que deve prezar pelo ambiente.

O educador Paulo Freire (1992) defendia a opinião de que a educação não transforma o mundo, mas transforma as pessoas que irão transformar o mundo e esse deve ser o caminho a se trilhar para construirmos um mundo sustentável. Segundo a UNESCO (2005) a educação para a sustentabilidade é compreendida de forma influenciar o comportamento nas instituições de ensino, mídias e órgãos que exercem um papel fundamental para a formação de indivíduos que é colaborar para o desenvolvimento econômico, social e cultural.

Após a publicação do relatório de Brundtland e a ECO-92, a educação foi identificada como uma das forças centrais para os processos de desenvolvimento sustentável durante o século XXI (BLEWITT; CULLINGFOR, 2004). Durante a ECO-92 foi aprovada a agenda 21, um documento guia para humanidade trilhar em direção ao

desenvolvimento ambientalmente sustentável. O capítulo 36 desta agenda faz referência em sua introdução à promoção do ensino e da conscientização pública.

Este mesmo documento afirma:

O ensino tem fundamental importância na promoção do desenvolvimento sustentável e para aumentar a capacidade do povo para abordar questões de meio ambiente e desenvolvimento (...) “O ensino é também fundamental para conferir consciência ambiental e ética, valores e atitudes, técnicas e comportamentos em consonância com o desenvolvimento sustentável e que favoreçam a participação pública efetiva nas tomadas de decisão”. (BRASIL, 1994, p.429-430.)

Blewitt e Cullingfor (2004) preferem a expressão educação sustentável a desenvolvimento sustentável e referem-se a educação superior com importante papel na produção de conhecimento e riqueza.

Reconhecendo a importância da educação neste processo de desenvolvimento sustentável, em 2003 a Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou o Decênio das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014), segundo Barbieri e Silva (2011, p.61), com o objetivo “da promoção do ensino e aprendizagem em todos os níveis como parte do processo em busca da sustentabilidade”.

Baseada na Recomendação 114 do Plano de Ação da *Cumbre Mundial sobre Desarrollo Sostenible* (CMDS) de 2002 que reafirmava a necessidade de articular o desenvolvimento sustentável em todas as esferas de ensino, alçando a educação como agente fundamental para a mudança de comportamento.

Quanto aos objetivos da Década:

O objetivo maior da década é integrar princípios, valores e práticas de desenvolvimento sustentável em todos os aspectos da educação e do ensino (...). O programa de Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS) exige que se reexamine a política educacional, no sentido de reorientar a educação desde o jardim da infância até a universidade e o aprendizado permanente na vida adulta, para que esteja claramente focado na aquisição de conhecimentos, competências, perspectivas e valores relacionados com a sustentabilidade (UNESCO, 2005, p.57).

É necessário educar sobre e para o desenvolvimento sustentável, ir além da teoria e dar exemplo de vida sustentável.

Aproveitando-se da constante renovação da comunicação por via das inovação digital, ganha a educação para a sustentabilidade ferramentas com possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar as diversas formas de participação na defesa da

qualidade de vida do planeta. Jacobi (2003, p.193) destaca que a educação ambiental assume cada vez mais “uma função transformadora, na qual a co-responsabilização dos indivíduos torna-se um objetivo essencial para promover um novo tipo de desenvolvimento – o desenvolvimento sustentável”. Ainda segundo o autor, a transformação de um planeta ameaçado e diretamente afetado pelos riscos socioambientais e seus danos, é um processo complexo de um movimento que está sendo introduzido lentamente no cotidiano das pessoas.

O desafio apresentado é de organizar uma educação ambiental crítica e inovadora (JACOBI, 1998), fomentando o envolvimento dos diversos sistemas de conhecimento, a capacitação de profissionais e a formação universitária numa concepção interdisciplinar. Deve buscar uma perspectiva abrangente que correlacione o homem, a natureza e o universo com a compreensão de que os recursos naturais se esgotam e que o principal responsável pela sua degradação é o ser humano (PEDRON; ROSA, 2011).

Segundo Reigota (1998), a educação ambiental aponta para propostas pedagógicas centradas na conscientização, mudança de comportamento, desenvolvimento de competências, capacidade de avaliação e participação dos educandos. Para Pádua e Tabanez (1998), a educação ambiental propicia o aumento de conhecimentos, mudança de valores e aperfeiçoamento de habilidades, condições básicas para estimular maior integração e harmonia dos indivíduos com o meio ambiente.

A relação entre meio ambiente e educação para a cidadania assume um papel cada vez mais desafiador, demandando a emergência de novos saberes para aprender processos sociais que se complexificam e riscos ambientais que se intensificam (JACOBI, 2003, p. 196).

3.4. A FORMAÇÃO DO NUTRICIONISTA

A educação é uma importante forma de mudança social, e segundo Carvalho (2006) os professores são atores imprescindíveis e insubstituíveis nesse processo. Para Gadotti (2010), o conceito de sustentabilidade possui um excelente componente educacional. Já dizia Freire (2009, p. 98) que “a educação é uma forma de intervenção no mundo, apesar de se tratar de uma transformação a longo prazo”.

Durante a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, realizada em 2012 no Brasil, o país anunciou a adoção de um compromisso

voluntário, mais tarde aprovado como Resolução N° 2, de 15 de junho de 2012 que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. A Resolução determina entre outros fatores, que a sustentabilidade seja obrigatoriamente abordada em todos os cursos de nível superior das universidades brasileiras, de forma interdisciplinar e contínua, não precisando necessariamente ser uma disciplina à parte no currículo de cada curso (BRASIL, 2012).

Guimarães e Tomazello (2003, p.2) defendem a ideia de que é necessário formar “ambientalmente” profissionais que sua atividade reflita na qualidade do meio ambiente que vai garantir a qualidade de vida em uma sociedade mais uniforme. Os autores também fazem uma crítica ao distanciamento da Universidade como um todo em relação as ideias associadas ao meio ambiente, devido a característica estrutural das Instituições de Ensino Superior (IES) que as organiza em departamentos, que em geral valorizam as especificidades e deixam de lado as questões pluralistas.

No Brasil, a formação profissional na área de saúde deve ter como referência o Sistema Único de Saúde (SUS). Neste cenário, as IES pautadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), devem construir e/ou reconstruírem seus projetos pedagógicos direcionados tanto para formação dos estudantes como a Educação Permanente dos profissionais em serviços, para acolher as demandas e diretrizes do SUS (CNE/CES, 2001).

Sendo assim, as DCN preveem mudanças curriculares que orientem uma formação profissional segundo as diretrizes e os princípios do Sistema Único de Saúde, considerando as necessidades de saúde individuais e coletivas e reorientando o modelo assistencial, de forma a valorizar a promoção da saúde, salientando os seus determinantes sociais.

Segundo Lizarraga (2010) e Siqueira *et al* (2013) a educação centrada em competências refere-se a uma aprendizagem baseada nos conhecimentos, atitudes e habilidades, necessária para que os estudantes e profissionais atuem de maneira ativa, responsável e criativa na construção de seu projeto de vida, tanto pessoal e social como profissional. As IES congregam discussões que permeiam todos os saberes. Diante o seu papel que deve ser de novos encaminhamentos, possibilidades, pesquisa e desenvolvimento, a IES possui como compromisso a promoção do amadurecimento

crítico da temática sobre a sustentabilidade, nos mais diversos âmbitos e níveis acadêmicos e gerenciais (RICHTER; SCHUMACHER, 2011).

Entende-se, portanto que a formação do nutricionista deverá passar por um processo de ensino e aprendizagem capaz de colocar no mercado de trabalho profissionais que além da competência técnica, estejam preparados para compreender, analisar e intervir nos problemas socio-sanitários dos locais e cenários onde atuam.

Nas diretrizes nacionais do curso de graduação em nutrição no Brasil, sustentabilidade não consta como um dos conteúdos essenciais que a graduação deva contemplar, porém são essas mesmas diretrizes que apontam o “nutricionista com formação generalista, humanista e crítica (...)” assim como diz que a “formação do nutricionista deve contemplar as necessidades sociais da saúde (...)” (RESOLUÇÃO CNE/CES Nº 5, 2001). Entende-se que a formação do nutricionista inclua os processos de promoção, manutenção, recuperação e prevenção da saúde por meio da alimentação, e a convergência entre nutrição e sustentabilidade se dá nestes aspectos nas três grandes áreas de atuação do nutricionista: Clínica, Social e Produção de refeições.

A IES deverá formar um nutricionista capaz de pensar criticamente, analisar os problemas da sociedade e de procurar as soluções para os mesmos, segundo a DCN que ainda descreve o profissional nutricionista:

(...) um profissional que deverá realizar diagnósticos e intervenções na área de alimentação e nutrição, considerando a influência sociocultural e econômica que determina a disponibilidade, consumo e utilização biológica dos alimentos pelo indivíduo e pela população (DCN, 2001).

Depara-se com a importância de uma formação que habilite o nutricionista para trabalhar com sistemas alimentares sustentáveis, tendo ciência dos impactos destes sistemas alimentares para o meio ambiente.

É preciso que durante a graduação o aluno receba uma formação que atenda as necessidades do atual contexto social, que incluem mudanças nas práticas de consumo e segundo Silva (2011) "reflete o momento cultural o qual a mesma sociedade esta inserida, perante as dinâmicas e demandas requeridas, necessitando assim, de um direcionamento para efetivação de um desenvolvimento emergente, o sustentável".

Para Filho (2004) a formação profissional deve possibilitar aos futuros trabalhadores, a participação na sociedade científica e tecnológica como sujeitos,

resgatando a construção da identidade social e integração com a cidadania. Já Ronzani e Ribeiro (2003), acreditam ser essencial analisar a reforma curricular como uma forma de mudança cultural, repensando práticas e crenças dos formadores de opinião (professores), por tratar-se de uma importante fonte de influência na formação da identidade do aluno.

As instituições de ensino precisam fugir do modelo de ensino tradicional que é fragmentado e com ênfase nos conteúdos e programar currículos integrados com abordagens diferenciadas para aproximar o aluno da prática profissional atual que a sociedade demanda.

Soares e Aguiar (2010) propõe a interdisciplinaridade na formação das profissões da saúde, ressaltando a importância das atividades interdisciplinares nos estágios, sob supervisão docente, como possibilidade de vivência de parcerias e do exercício profissional em equipe.

Para Pimenta (1995) a prática adotada por estágios curriculares vem se modificando na história da educação, superando a fase de observação e reprodução de modelos, em direção a uma prática mais teorizada e à formação de profissionais. A compreensão de que a formação do nutricionista, necessita de uma prática social desenvolvida numa realidade concreta e histórica deve ser a base para guiar a implementação de mudanças nos currículos dos cursos de nutrição.

O Nutricionista é um profissional da saúde que tem como seu principal instrumento de trabalho o próprio potencial de entender o contexto em que a nutrição e a alimentação se processam, seja no plano individual ou no coletivo, sendo competente tecnicamente, crítico e comprometido com a realidade em que vive (CFN, 2008).

É preciso valorizar as atribuições e contribuições do papel desse profissional na promoção de um futuro de qualidade social, ambiental e econômica.

4. OBJETIVOS

4.1. OBJETIVO GERAL

Verificar a abordagem do tema sustentabilidade nos currículos dos cursos de Nutrição no Brasil.

4.1.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Quantificar o percentual de cursos que abordam o tema sustentabilidade em seus currículos;
- Descrever como as instituições de ensino enxergam a importância do assunto na formação de seus alunos.

5. MATERIAL E MÉTODOS

5.1. LOCAL DE PESQUISA

Cursos de Nutrição no Brasil.

5.2. DELINEAMENTO

Para atender os objetivos, foi realizado estudo observacional, descritivo (GIL, 2008).

5.3. EQUIPE DE TRABALHO

A equipe de trabalho contou com os seguintes componentes:

Aluna do curso de Nutrição, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, responsável pela coleta, tabulação e análise dos dados, redação de relatório final;

5.4. DETALHAMENTO DO PROCESSO DE PESQUISA.

Para elaboração do presente trabalho foram analisados os currículos dos cursos de nutrição de IES participantes do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) no ano de 2010. Os dados foram coletados do portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), página virtual oficial de divulgação dos resultados do ENADE. Usou-se

como critério de seleção os cursos de nutrição cujo conceito no ENADE 2010 foram 4 e 5 os melhores conceitos. Não houve diferenciação entre IES públicas ou privadas.

Após apurar os cursos de nutrição com os critérios descritos, foi realizada busca do currículo ou matriz curricular do curso no site do curso de cada IES e quando não havia a informação disponível, foi solicitado via e-mail. Foram excluídos os cursos que a matriz curricular não estava acessível e não se obteve resposta no contato via e-mail.

5.5. LOGÍSTICA DA COLETA DE DADOS

A matriz curricular dos cursos selecionados foi examinada, usando como critério de busca disciplinas com estas nomenclaturas:

- sustentabilidade
- ecologia
- ambiente/ambiental
- ecossistema

Após fez-se a compilação dos dados em planilha do software Microsoft[®] com as informações avaliadas.

Um questionário *online* criado no software *SurveyMonkey Brasil*[®] (APENDICE 1) foi encaminhado para as coordenações dos cursos de Nutrição destas IES selecionadas.

5.6. PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

As informações obtidas pelo banco de dados do software *SurveyMonkey Brasil*[®] foram exportadas para o banco de dados da planilha do software Microsoft[®]. Foi realizada análise estatística descritiva e os resultados apresentados em tabelas para visualização.

6. ASPECTOS ÉTICOS

O trabalho foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

As informações obtidas serão divulgadas por meio de artigo científico a ser publicado em revista da área e a identificação das universidades participantes será mantida em sigilo.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisadas as matrizes curriculares de 42 IES para verificar a existência de disciplinas com o tema sustentabilidade, ecologia, ambiente, ambiental e ecossistema. Das 42 matrizes, apenas 32, 5% constavam os temas acima como disciplinas e dentro desta população analisada 64, 2% eram disciplinas obrigatórias do currículo, conforme descrito na Tabela 1.

Tabela 1- Relação das IES com disciplinas sobre o tema sustentabilidade/ecologia/ ambiente/ ambiental/ ecossistema

Variáveis	n (%)
Matriz Curricular	
Sim	14 (32,5)
Não	28 (67,5)
Disciplina Obrigatória	
Sim	9 (64,2)
Não	5 (35,8)

Entre as 42 IES que tiveram suas matrizes analisadas, obteve-se o contato para envio do questionário de 40 IES, que receberam o questionário online. Foram realizadas três tentativas de contato via e-mail, sendo que responderam a pesquisa oito instituições. Em relação ao tema Sustentabilidade fazer parte do projeto pedagógico 87,5% das instituições responderam que o assunto faz parte do projeto pedagógico do curso.

Todas as instituições consideram a sustentabilidade como um assunto que tenha relação com a nutrição, assim como 87,5% responderam que o curso se preocupa em abordar o tema durante a formação do aluno.

Quando questionadas se consideram o tema Sustentabilidade importante para a formação do nutricionista, 100% das IES responderam que sim. Porém, quando o

questionamento foi sobre a inclusão do tema como conteúdo essencial nas DCN 75% consideraram ser importante.

Todas as instituições responderam que seus alunos egressos estão aptos a tratar com questões referentes a sustentabilidade, e 62,5% promovem ações sustentáveis para os alunos participarem durante a graduação. Em 75% das instituições, há procura dos alunos por disciplinas que abordem o tema. (Tabela 2).

Tabela 2- Relação das IES sobre o comportamento dos seus alunos.

Variáveis	n (%)
Alunos aptos a tratar com questões sobre sustentabilidade	
Sim	8 (100)
Não	0 (0)
Promoção de ações sustentáveis p/ seus alunos	
Sim	5 (62,5)
Não	3 (37,5)
Procura dos alunos por disciplinas sobre o tema	
Sim	6 (75%)
Não	2 (25%)

Ao final do questionário, havia uma pergunta aberta sobre como a instituição avalia a sua abordagem do tema Sustentabilidade .

As respostas obtidas foram:

“Boa, mas precisa oficializar no PPC”;
“O tema é abordado de forma contínua e transversal”;
“Adequada”;
“Bom”;
“Como relevante, essencial para a formação”;
“Infelizmente, fraca, incipiente e sendo feito de forma isolada por alguns docentes”.
Docentes estes que, inclusive, utilizam em suas metodologias de aula, técnicas de aprendizagem elaboradas a partir de materiais reutilizados, como tampas, garrafas, rolhas, por exemplo, trabalhando dinâmicas problematizadoras.”

As Diretrizes dos cursos de Nutrição garantem a liberdade das IES de montarem suas matrizes curriculares, desde que a estrutura do curso garanta a visão de educar para a cidadania e a participação plena na sociedade com valores orientados para a cidadania e para a solidariedade. Dessa forma, a organização do curso de nutrição deve estar apoiada a um ensino que possibilite o aluno conhecer e transformar o contexto social. O atual momento ambiental que o planeta vive, pede mudanças de comportamentos sociais e a nutrição é uma excelente ferramenta para impulsionar e estimular as mudanças necessárias, por isso a importância de contextualizar a matriz curricular na situação atual da sociedade.

Entre os objetivos das Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação da Saúde, esta descrito que deve:

Permitir que os currículos propostos possam construir perfil acadêmico e profissional com competências, habilidades e conteúdos, dentro de perspectivas e abordagens contemporâneas. Refere também que o aluno precisa aprender a aprender que engloba aprender a ser, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a conhecer (CNE/CES, 2001).

Lopez (2009, p.29) afirma que “a educação num primeiro momento implica na conservação de comportamentos para num momento subsequente consolidar-se como mudança”. Para isso, o autor também expõe que as decisões tomadas pelas atuais gerações devem ser discutidas e analisadas para que se alcance o desenvolvimento sustentável ao longo do tempo. Isso se aplica durante a graduação, quando o aluno ao ingressar possui seu comportamento baseado em suas experiências e vivências e ao longo da graduação vai se adquirindo outros conhecimentos e chega-se ao momento subsequente, de mudança. A maioria das que já incluíram em seu projeto pedagógico o assunto, compreendem ser importante que seus alunos saiam com esta formação, que saibam lidar com o cenário ambiental recente.

O ensino voltado para questões ambientais trata-se de um aprendizado social, baseado no diálogo e na interação em constante processo de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significados, que podem se originar do aprendizado em sala de aula ou da experiência pessoal do aluno (JACOBI, 2003, p. 198).

Como demonstrado nos resultados, as instituições entendem a importância da abordagem do conteúdo para a formação de seus alunos, classificam sua abordagem de uma maneira satisfatória e acreditam que seus egressos estão habilitados a trabalhar no dia a dia.

O ensino da sustentabilidade se justifica para o graduando de nutrição, pois ao considerarmos as três grandes áreas de atuação do nutricionista, veremos que a sustentabilidade permeia por todas elas:

- na alimentação coletiva: entre tantos pontos o conhecimento sobre a origem dos alimentos, sua sazonalidade, sua regionalidade, meio de transporte e a conscientização do desperdício em todos os processos de pré e pós- consumo;
- na área clínica: neste eixo aonde a orientação nutricional é uma ferramenta fundamental, vale incentivar a prática e esclarecer quais são as escolhas para um consumo sustentável;
- na área social: tão pouco se tem de estudos voltados a indicadores de consumo (in) sustentável e seu impacto na saúde coletiva assim como nos gastos do governo com a saúde da população. O incentivo da agricultura familiar em eventos, feiras e congressos também é um trabalho que precisa ser reforçado e visto a importância deste ramo de produção de alimentos na nutrição.

Na UFRGS, a procura pela disciplina eletiva de sustentabilidade vem sendo crescente desde a sua criação em 2012. A disciplina aborda as situações em que a visão da sustentabilidade faz a diferença dentro da profissão do nutricionista, como a simples escolha por alimentos regionais e os alunos conhecem locais como por exemplo hospitais, que possuem ações sustentáveis implantadas. O discurso de profissionais que trabalham com e para a sustentabilidade demonstra a importância de um nutricionista ter consciência ambiental.

Esses são assuntos que estão inseridos no cotidiano das pessoas com quem e para quem o nutricionista irá atuar e trabalhar. Uma pesquisa realizada por Jungbluth e Frischknecht (2003) demonstrou que o simples consumo de alimentos contribui com 10 a 20% no impacto ambiental nos países desenvolvidos, se esse alimento for pré-prontos e/ ou congelados levam a um aumento nos danos ambientais ligados a elevada emissão de dióxido de carbono (CO₂), dióxido de enxofre (SO₂) e energia primária utilizada. Esta pesquisa revela que o simples fato de se alimentar pode desequilibrar o ambiente, ou seja, é importante que o nutricionista tenha essa informação para que em suas orientações leve em conta estes aspectos, que até o ato de se nutrir pode degradar a natureza.

É no sentido de educar para saber ensinar que a graduação deve ser baseada, que significa educar preparando o aluno para ensinar seu paciente ou seu comensal a nutrir-se de forma adequada dos pontos de vista nutricional e sustentável. As respostas obtidas através do questionário de pesquisa demonstram que de maneira geral, os cursos de nutrição buscam este

objetivo de educar seus alunos sobre as atribuições e contribuições do nutricionista para o alcance da sustentabilidade. Minimizando a agressão ao meio ambiente através da produção e distribuição de um alimento que seja não somente saudável e nutritivo, mas também ecológico. Não é somente o meio ambiente que gera essa demanda, mas todos como consumidores também estão se preocupando em ser mais sustentáveis em seu dia a dia, buscando informações sobre produtos orgânicos, redução de desperdícios, geração de gases, separação dos resíduos, produtos com embalagens recicláveis, entre outros tantos fatores que podem colaborar ou prejudicar o ecossistema.

É neste contexto que o nutricionista deve atuar, na construção de um saber que transmute a relação sociedade-natureza. Para Bartholo e Bursztyn (2001) é de suma importância o papel da educação na formação de cidadãos conscientes das práticas ambientais que auxiliariam por sua vez, na propagação de ações sadias em suas comunidades. É neste papel, de formação de cidadãos conscientes, que as instituições que participaram da pesquisa acreditam, ao levar para dentro da sala de aula o diferencial de um saber que não é o estabelecido pelas diretrizes, mas o estabelecido pela realidade.

Na pesquisa ficou evidente que as instituições entendem a importância e incentivam os alunos a participarem de ações que promovam a consciência ambiental, e que não teriam problemas a se adequar a uma mudança em seus projetos pedagógicos caso o conteúdo fosse inserido nas DCNs. As IES ainda que de forma discreta e sem prévia organização estão preparando seus alunos para trabalhar com as urgências ambientais que o planeta demanda, ao levar aos alunos de maneira complementar e não obrigatória questões sobre o desenvolvimento sustentável e o cuidado com o meio ambiente. É uma demonstração que estão sensibilizados com as questões ambientais globais e preocupadas que seus egressos tenham uma formação que corresponda a realidade da sociedade contemporânea.

Rensi (2005) acredita que as ações sustentáveis são melhores definidas por aquelas atitudes das quais as pessoas, de um modo amplo, buscam uma qualidade de vida, sob o enfoque de saúde da população, nos padrões educacionais e no bem estar social, ou seja, são ações praticadas, porém com a consciência voltada para o contexto social geral.

Freire (1991) dizia que “ a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, neste contexto, deva ser o graduando um sujeito que consiga interligar o que aprende dentro e principalmente fora da universidade. Formar um nutricionista que execute de forma ativa e seja consciente de seu papel social indiferente da área que escolha atuar, que faça escolhas

sustentáveis pensando no bem estar coletivo e na continuidade do desenvolvimento para as próximas gerações. O profissional que tenha intrínseco em seu exercício profissional a percepção da importância de se trabalhar com e para a sustentabilidade, integrando o que aprende dentro da IES com a prática fora dela.

Segundo Preuss (2009, p. 5) o desafio atual da nutrição é desenvolver estratégias, englobando em suas práticas aspectos econômicos, ambientais e sociais. Bosi (1996) já apontava nas reflexões sobre a atuação do nutricionista, as dificuldades em construir uma prática profissional que seja ampliada e intersetorial, abarcando as diferentes dimensões da relação homem-alimento. É um desafio dentro da nutrição e também dentro da graduação, como apontado por um dos participantes da pesquisa que avaliou a abordagem da sustentabilidade pela sua instituição como *“Infelizmente, fraca, incipiente e sendo feito de forma isolada por alguns docentes”*. Nesta fala fica claro que há uma preocupação em falar sobre o tema, mas não há uma organização da IES para que a abordagem seja feita de forma ampla para que o aluno tenha a informação de maneira transversal. Isso se reflete devido à estrutura pedagógica do curso, que muitas vezes não inclui o assunto no seu projeto, sendo assim, não há uma preparação prévia dos docentes para abordar o tema em suas disciplinas. Há também de se pensar se os docentes estão aptos a ensinar a sustentabilidade, uma vez que não é um conteúdo considerado essencial pelas diretrizes curriculares e, portanto não está inserida no planejamento das disciplinas.

Neves e Recine (2014) publicaram um estudo com objetivo de caracterizar a atuação profissional do nutricionista segundo aspectos relativos ao sistema agroalimentar e sustentabilidade. O estudo foi realizado através de questionário online de 192 nutricionistas de todo o Brasil, e os resultados apontam que a atuação profissional do nutricionista voltada para a sustentabilidade ainda que considerada importante seja pouco desenvolvida. No estudo os participantes concordam com a capacidade do nutricionista em transformar o sistema alimentar convencional num sistema sustentável, bem como contribuir de forma ativa para o alcance de um modelo de desenvolvimento igualmente sustentável. Os resultados encontrados demonstram que os nutricionistas compreendem a importância da inserção da sustentabilidade em sua atuação profissional e dizem se preocupar em praticar ações sustentáveis no trabalho. Os profissionais percebem os impactos positivos das ações sustentáveis praticadas em seu trabalho, no meio ambiente e na economia local e a maioria (67%) alegou praticar ações sustentáveis em seu trabalho “sempre” ou “às vezes”. Também se

observou que a maioria tem interesse pelo tema e consegue inserir a sustentabilidade em seu contexto de trabalho, ainda que de forma superficial.

O estudo acima demonstra que assim como as IES estão preocupadas em levar aos alunos o ensino da sustentabilidade, os profissionais já graduados também se preocupam e trabalhar com a sustentabilidade. Os nutricionistas da pesquisa também consideram ser um tema importante e que deve ser melhor desenvolvido, o que vai de encontro com a pesquisa realizada com as instituições. Dessa maneira, é importante revisar os conteúdos essenciais das DCN uma vez que se percebe um movimento das IES em incluir o tema sustentabilidade durante a graduação e dos nutricionistas em trabalhar com ações relacionadas à consciência ambiental. É preciso que as IES sejam capacitadas a ensinar sustentabilidade, seus docentes sejam preparados para trabalhar em sala de aula dentro de suas disciplinas o tema e que haja uma organização das matrizes para que o graduando saia um profissional capacitado a enxergar a nutrição como ferramenta que pode transformar o meio ambiente.

A atuação profissional voltada para aspectos ambientais e sustentáveis é uma preocupação comum tanto por nutricionistas conforme o estudo de Neves e Recine (2004) demonstra quanto pelas instituições de ensino, como se observou no objeto desta pesquisa. Portanto, como apontam Wilkins & Preuss (2009), a atuação do nutricionista é a chave para alcançar o desenvolvimento sustentável, uma vez que esse profissional representa o elo entre sociedade e sistema alimentar.

8. CONCLUSÃO

O presente estudo avaliou o ensino da sustentabilidade na formação do nutricionista, do ponto de vista do grau de importância que as Instituições de Ensino Superior agregam ao tema sustentabilidade em seus currículos. Poucos foram os cursos que contemplam em suas matrizes curriculares disciplinas voltadas às questões ambientais, assunto de extrema relevância uma vez que o alimento é oriundo deste ambiente.

Ficou evidente que a maioria das instituições que participaram da pesquisa considera importante o assunto dentro da graduação de nutrição. Embora o assunto sustentabilidade não faça parte dos conteúdos essenciais das DCN dos cursos de Nutrição, percebe-se um esforço por parte das IES em incluir o tema em seus projetos pedagógicos e aborda-lo direta ou indiretamente durante a graduação. Ainda que de maneira discreta, há oferta de disciplinas com esse contexto e demanda de alunos interessados pelo assunto o que

leva à reflexão do baixo índice de cursos de nutrição que dispõem em seus currículos destas disciplinas.

A atuação do nutricionista deve ser direcionada para buscar o desenvolvimento que seja sustentável para as próximas gerações. E pensando que atualmente uma das grandes causas de trabalho do nutricionista seja reduzir a desnutrição e o combate a fome. E ao atuar para combater a fome também se deve enxergar como uma atuação em benefício da sustentabilidade, pois como já dizia Josué de Castro atrás “a fome é expressão biológica de males sociais, ligada intimamente às distorções econômicas”, uma afirmação tão presente ainda nos dias de hoje.

Apesar das metas da Agenda 21 pouco ou nada tenham sido realizadas, houve uma pequena adaptação do ensino a realidade ambiental do planeta. É preciso que se enxergue a sustentabilidade dentro da nutrição não como um mercado de trabalho, mas com uma necessidade de um planeta que pede para ser salvo.

9. REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, F.A. **Dilemas e desafios da formação profissional em saúde.** Interface Comunic: Saúde, Educação. São Paulo, 2004, v.8, n.15, p.375-80.

ANDRIOLI, A.I. **Transgênico, produção de alimentos e combate à fome.** In: Revista Espaço Acadêmico, Paraná, 2009, v. 9, n. 90, p. 01-02.

BARBIERI, J.C; SILVA, D. **Desenvolvimento sustentável e educação ambiental: uma trajetória comum com muitos desafios.** Revista de Administração da Mackenzie, São Paulo, 2011, v. 12, n. 3, p. 61.

BARTHOLO Jr, R.S; BURSZTYN, M. **Prudência e Utopismo: Ciência e educação para a sustentabilidade.** In: BURSZTYN, M. (Org.). Ciência, ética e sustentabilidade: desafios ao novo século. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

BLEWITT, J; CULLINGFOR, C. **The sustainability curriculum: the challenge for higher education.** Londres: Cromwell, 2004.

BOSI, M.L.M. **Profissionalização e conhecimento: a nutrição em questão.** São Paulo: Hucitec, 1996. p.205 - 131.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 5 de 7 de novembro de 2001. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Nutrição.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES05.pdf>. Acesso em 16/03/2015.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento: Agenda 21.** Brasília: Diário Oficial da União, 1994.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, nº 116, n.2, pág. 71, junho 2012.

BRASIL. Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006. **Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN**. Brasília: Diário Oficial da União, 2006.

BRUNDTLAND, G.H. (Org.) **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: FGV, 1987.

CALDERONI, S. **Os bilhões perdidos no lixo**. Ed. Humanistas, USP: São Paulo, 1997.

CARVALHO, I.C.M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CASTRO, I.R.R. **Desafios e perspectivas para a promoção da alimentação adequada e saudável no Brasil**. Caderno de Saúde Pública, 2015, p. 31:7-9.

CFN. Conselho Federal de Nutricionista. **Parecer CFN sobre carga horária mínima para graduação em Nutrição: Workshop de Formação Profissional CFN/CRN**. Brasília, DF, 2008.

CMMAD. Comissão Mundial Sobre O Meio Ambiente E Desenvolvimento. **Comissão Brundtland: Nosso Futuro Comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991, p.46.

CNE. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição**. Parecer nº: CNE/CES 1.133/2001. DF: ME, 2001.

FAO. Organização Mundial das Nações Unidas para Alimentação e a Agricultura. **Iniciativa América Latina e Caribe sem fome**. Chile, 2008. Disponível em: www.rlc.fao.org/iniciativa/docs.htm. Acesso em 14/11/2014.

FAO. Organização Mundial das Nações Unidas para Alimentação e a Agricultura. **Fome global diminui, mas milhões ainda estão cronicamente famintos**. Roma, 2013. Disponível em: www.fao.org.br/fgdmaecf.asp?utm_source=hootsuite&utm_campaign=hootsuite. Acesso em 20/12/2014.

FAO. Organização Mundial das Nações Unidas para Alimentação e a Agricultura. **Direito a Alimentação e Segurança Alimentar e Nutricional nos países da CLPL: Diagnóstico de Base**. Chile, 2014. Disponível em: www.fao.org/docrep/018/i3348p.pdf. Acesso em 16/12/2014.

FAO. Organização Mundial das Nações Unidas para Alimentação e a Agricultura. **Pérdidas y desperdícios de alimentos em América Latina y Caribe**. Chile, FAO, 2014. Disponível em: <http://www.fao.org/americas/noticias/ver/es/c/239395>. Acesso em 24/10/2014.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FRISCHKNECHT, R; JUNGBLUTH, N. **Indicators for monitoring environmental relevant trends in sustainable food consumption**. 2003. Disponível em: <http://www.esu-services.ch/download/SETAC-food-consumptionindicator.pdf>. Acesso em: 24 de maio de 2015.

GADOTTI, M. **Reorienting education practices towards sustainability**. Journal of Education for Sustainable Development. London, 2010, v. 4, n.2, p.203-211.

GUIMARAES, S.S.M.; TOMAZELLO, M.G.C. **A formação Universitária para o ambiente: Educação para Sustentabilidade**. Ambiente & Educação. Brasil, 2003, v.8, p. 55-72

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Segurança Alimentar 2013**. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/seguranca_alimentar_2013. Acesso em 18/12/2014.

- INSTITUTO AKATU. **Caderno Temático- A nutrição e o consumo consciente**. São Paulo: Instituto Akatu, 2003.
- JACOBI, P; et al. (orgs.). **Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências**. São Paulo: SMA, 1998.
- JACOBI, P. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, 2003, n. 118, p. 189-205.
- LIZARRAGA, M.L.S.D.A. **Competencias cognitivas em educacion superior**. Madrid: Universitaria; 2010.
- LOPES, M.A; NASS, L.L; MELO, I.S. **Biotecnologia e meio ambiente**. Revista Bioprospecção, 2005, v. 34, p.29-35.
- MALUF, R; BELIK, W. **Abastecimento e segurança alimentar: os limites da liberalização**. Campinas: Unicamp; 2000.
- NASCIMENTO, A.L. ; ANDRADE, S. L. L. S. **Segurança alimentar e nutricional: pressupostos para uma nova cidadania?** Ciência Cultura, 2010, v. 62, p.34-38.
- PÁDUA, S.; TABANEZ, M. (orgs.). **Educação ambiental: caminhos trilhados no Brasil**. São Paulo: Ipê, 1998.
- PEDRON, NA; ROSA, MB. **Educação Ambiental em Escolas: Sensibilizando o Professor de Pequenos Municípios**. Santa Maria, 2011, v.2, n^o2, p. 312 –319.
- PESSINI, L. **Promoção da saúde e ambiente sustentável**. São Paulo: O Mundo da Saúde 2012, v.36(4), p.539-540.
- PIMENTA, S.G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?**2.ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- PREUSS, K. **Integrando Nutrição e desenvolvimento sustentável: atribuições e ações do nutricionista**. São Paulo: Nutrição em Pauta, 2009, v. 99, n. 50, p.3.
- REIGOTA, M. **Desafios à educação ambiental escolar**. In: JACOBI, Pedro. et al. (orgs.). Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências. São Paulo: SMA, 1998. p.43-50.
- RENSI, F; et al. **Produção mais Limpa: uma aplicabilidade no processo industrial**. Rio de Janeiro: ANGRAD, 2005.
- RICHTER, T; SCHUMACHER, K.P. **Who Really Cares About Higher Education For Sustainable Development?** Journal of Social Sciences, v. 7, n. 1, p.24-32, 2011.
- RONZANI, T.M; RIBEIRO, M.S. **Identidade e formação profissional do médico**. Rev. Bras. Educ. Med. 2003, v.27, n.3, p.229-36.
- SILVA, M.E.A. **A contribuição de práticas empresariais responsáveis para o consumo sustentável no varejo de supermercados: o caso Walmart Brasil**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco ,2011.
- SINDAG. Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola. **Vendas de defensivos agrícolas sobem 3,8% em 2011**. Disponível em: www.sindag.com.br/noticia.php?News_ID=2188 Acesso em: 18/12/2014.
- SIQUEIRA, B.R; et al. **Educação e competências para o SUS: é possível pensar alternativas à(s) lógica(s) do capitalismo tardio?** Ciência da Saúde Coletiva, 2013; 18(1):159-170.

SOARES, N.T; AGUIAR, A.C.D. **Diretrizes curriculares nacionais para os cursos de nutrição: avanços, lacunas, ambiguidades e perspectivas.** Revista de Nutrição, 2010, v. 23, n.5, p.895-905.

SUSTENTABILIDADE. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sustentabilidade>. Acesso em: 21 de novembro 2014.

UNCED. United National Conference on Environment and Development. Rio de Janeiro: Rio Declaration on Environment e Development, 1992.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Década da educação das Nações Unidas para um desenvolvimento sustentável, 2005-2014: documento final do esquema internacional de implementação.** Brasília: Unesco, 2005.

VELLOSO, R. **Comida é o que não falta.** Superinteressante, nº 174. São Paulo, Ed. Abril, 2002.

WILKINS, J.L. **Civic dietetics: opportunities for integrating civic agriculture concepts into dietetic practice.** Agriculture and Human Values, 2009, v. 26 n. 1/2 p. 57-66.

10. APÊNDICE

A- Questionário Online- O ENSINO DA SUSTENTABILIDADE NA FORMAÇÃO DO NUTRICIONISTA

O ENSINO DA SUSTENTABILIDADE NA FORMAÇÃO DO NUTRICIONISTA

1. No curso de Nutrição da sua IES o assunto sustentabilidade faz parte do projeto pedagógico?

SIM

NÃO

2. Considera que Sustentabilidade é um assunto que tenha relação com Nutrição?

SIM

NÃO

3. Há uma preocupação do curso para que os alunos tenham o tema sustentabilidade abordado durante sua formação?

SIM

NÃO

4. Considera importante o tema sustentabilidade na formação do nutricionista?

SIM

NÃO

5. Considera importante incluir o tema sustentabilidade nas Diretrizes Curriculares Nacionais como um dos conteúdos essenciais para o Curso de Nutrição?

SIM

NÃO

6. O aluno graduado em nutrição por esta IES esta apto a tratar com questões referentes ao tema Sustentabilidade?

SIM

NÃO

7. Durante a graduação os alunos participam de ações sustentáveis promovidas pelo curso de nutrição da IES?

SIM

NÃO

8. Há procura por parte dos alunos, por disciplinas que abordem o tema sustentabilidade?

SIM

NÃO

9. Como você avalia a abordagem do tema Sustentabilidade pelo curso de Nutrição da sua IES?